

Os caminhos do pioneiro da polineuropatia amiloidótica familiar

Movido pelo ímpeto de fazer avançar a Ciência, Mário Corino de Andrade identificou, em 1952, «uma forma peculiar de neuropatia periférica». Esta foi a designação que deu, na altura, à polineuropatia amiloidótica familiar, assim chamada desde 1959, sendo que, pelo meio, também foi apelidada de paramiloidose de Andrade. Embora significativo, este foi apenas um dos seus contributos para a afirmação e o desenvolvimento da Neurologia portuguesa.

Ana Rita Lúcio



Mário Corino de Andrade com o Monte Fuji, no Japão, em pano de fundo

DR

Corria o ano de 1943. Partindo do Porto rumo a Lisboa, um homem trilhava a lonjura unida pela sutura dos carris, com a férrea vontade de dar destino à investigação sobre uma doença de caminhos insondáveis. Passageiro de repetidas viagens que o conduziam a uma paragem obrigatória no campo da Neurocirurgia – o Hospital de Santa Marta, em Lisboa –, desta feita, o Dr. Mário Corino de Andrade levava uma bagagem singular.

De uma das mãos do neurologista que, três anos antes, fundara o Serviço de Neurologia do então Hospital Geral de Santo António (HGSA), no Porto, pendia, como costume, a pasta repleta de papéis e lâminas com colheitas para examinar. Na outra mão, uma «insuspeita» mala com as «vísceras acondicionadas em caixas de bolachas com pachos de algodão embebidos em formol de um doente

autopsiado», no Porto, pelo Dr. João Resende, braço direito de Corino de Andrade no HGSA e autor desta pormenorizada descrição.

Na chegada a Lisboa, Corino de Andrade tinha à sua espera a oportunidade de fazer história. O retrato da época colocá-lo-ia ao lado do Prof. Jorge Silva Horta, anatomopatologista responsável pelo exame histopatológico que confirmou a deposição de uma substância amiloide em tecidos de vários órgãos, com particular incidência nos nervos periféricos.

O «caso *princeps*», que permitiu dar um avanço significativo na identificação da patologia que ficaria conhecida como polineuropatia amiloidótica familiar (PAF), sagrou, porém, outra imagem. A do «indivíduo inquieto, obstinado e exigente»

pronto a desrespeitar rotinas e a vencer distâncias para levar o conhecimento adiante», como sublinha o Prof. José Barros, diretor do Departamento de Neurociências do agora Centro Hospitalar do Porto/Hospital de Santo António e presidente do Colégio de Neurologia da Ordem dos Médicos.

A Ciência nos genes

O início do trajeto de vida de Mário Corino da Costa Andrade, que no meio científico ficou conhecido por Corino de Andrade, teve por cenário o Alentejo profundo. A 10 de junho de 1906, Moura assistia ao nascimento do segundo filho de Francisco Xavier da Costa Andrade e Amália Rita Alves. Os primeiros passos de Corino seriam, no entanto, dados em Beja, para onde a família se mudou pouco tempo depois.

Do pai, veterinário formado em Lisboa, herdou a afeição aos animais, que perdurou ao longo dos anos, e a avidez pelo saber, que cedo pôs Corino de Andrade na senda das Ciências. Colocado um ponto final no Curso Complementar de Ciências, no Liceu Fialho de Almeida, em Beja, no ano de 1923, seguiu-se a interrogação: Biologia ou Medicina?

Resolvido o dilema com a inscrição na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, foi lá que o estudante privou com alguns dos mestres que lhe moldaram o percurso. Regentes das cátedras de Neurologia e Psiquiatria, respetivamente, os Profs. António Egas Moniz e António Flores são disso exemplo. Mas mais do que o Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia (1949), terá sido a relação próxima com António Flores a colocar Corino de Andrade na rota da Neurologia.

Numa excursão pelo Douro, Corino de Andrade (ao meio) acompanhado pelos «discípulos» Dr. Paulo Mendo (à esquerda) e Fernando Mendo (à direita), respetivamente neurologista e neuroanestésista do HGSA



DR

Rumo à descoberta da PAF

O conselho de António Flores foi também determinante para que o jovem recém-formado partisse em busca da «alta-roda» da especialidade na Europa. Depois do estágio de um ano no Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Marta, em 1931, Corino de Andrade rumou à Clínica Neurológica dos Hospitais Civis de Estrasburgo, em França, sob a alçada do Prof. Jean-Alexandre Barré. Nomeado chefe do Laboratório de Neuropatologia, o trabalho desenvolvido em torno das células das meninges valeu-lhe, dois anos depois, a distinção com o Prémio Déjerine, atribuído, pela primeira vez, a um estrangeiro.

A próxima paragem do português seria Berlim, onde dividiu o laboratório com o casal de neuropatologistas alemães Cécile e Oskar Vogt. Porém, a iminência da II Guerra Mundial e a morte do pai comandaram o regresso do neurologista a Portugal, em 1938. Sem lugar em Lisboa, e após uma tentativa frustrada de candidatura à Universidade do Porto, esperavam-no o Hospital de Alienados do Conde Ferreira, também na «invicta» e, no ano seguinte, o HGSA.

Sem tradição em Neurologia até à chegada de Corino de Andrade, o Porto viria a tornar-se no reduto do seu legado. Sob o testemunho das palladianas arcadas do edifício oitocentista do HGSA, foi aqui que alcançou algumas das suas metas mais sonantes. Começando por observar doentes nas enfermarias, não tardou até que criasse uma consulta bissemanal de Neurologia.

Foi, precisamente, numa dessas consultas que, em 1939, o especialista observou o caso de uma mulher da Póvoa de Varzim, que se dizia ter a «doença dos pezinhos». Uma entidade clínica até então desconhecida e erradamente diagnosticada como lepra nervosa, cuja descoberta Corino de Andrade «protagonizou ou acompanhou de perto em todas as suas fases, desde a descrição das primeiras famílias ao advento da transplantação hepática, passando pela caracterização do erro bioquímico e do defeito genético», salienta José Barros.

Um percurso para a história

Aquela que o cientista Manuel Sobrinho Simões considerou «a história mais bonita da Medicina portuguesa» conta-se de uma penada. Firme na suspeita de se tratar de uma doença neurológica nova, Corino de Andrade não poupou esforços – científicos e pessoais – até, num artigo de 1952, publicado na revista *Brain*, da Universidade de Oxford, a identificar como «uma forma peculiar de neuropatia periférica». Apelidada, durante alguns anos, como paramiloidose de Andrade, em 1959, foi definitivamente fixada como polineuropatia amiloidótica familiar (PAF).

A marca indelével deixada por Corino de Andrade na história da Neurologia portuguesa

estende-se, no entanto, «muito além da PAF», aponta José Barros. Foi determinante na subespecialização dos primeiros neurologistas e pioneiros nos cuidados intensivos, na traumatologia cranioencefálica e na neuroanestesia, com a criação do Centro de Reanimação Respiratória, em 1962, e a Unidade de Traumatologia Cranioencefálica, em 1967. Porém, ao cabo de mais de sete décadas de dedicação, o seu legado revela-se essencialmente na escolha de pessoas, na formação de equipas multidisciplinares e na promoção de líderes. De facto, têm sido muitos os dirigentes de topo do Hospital de Santo António oriundos das neurociências.

Nos horizontes do «patrão», como é recordado por pares e discípulos, parar esteve sempre fora de questão. Um ano antes de se aposentar, em 1975, fez parte da «triade» fundadora do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto, juntamente com o matemático e reitor da Universidade do Porto Ruy Luís Gomes e

Com a equipa do Serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António em 1976, quando se aposentou da sua direção



Marcos no caminho de Corino de Andrade

1930 Estagia com António Flores, no Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Marta, um ano após ter concluído a licenciatura, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

1931 Inicia um estágio de seis anos, nos Hospitais Civis/Faculdade de Medicina de Estrasburgo.

1933 Recebe o prémio Déjerine, pelos estudos patológicos sobre meninges.

1936 Estagia, em Berlim, com os ilustres neuropatologistas alemães Cécile e Oskar Vogt.

1938 Regressa definitivamente a Portugal, por força da morte do pai. Assume a chefia da «Enfermaria dos Imundos e Agitados» do Hospital de Alienados do Conde Ferreira, no Porto.

1939 Ingressa, como neurologista, no Hospital Geral de Santo António (HGSA), também na cidade «invicta». Nesse mesmo ano, observa, pela primeira vez, o caso de uma mulher com «uma forma peculiar de neuropatia periférica», como lhe chamou na altura.

o médico Nuno Grande. Virando as costas à reforma, em 1976, respondeu, ainda, ao repto lançado pela Direção-Geral da Saúde com vista à exploração de mais um enigma neurológico de origem portuguesa. Passou semanas nos Açores, viajando com a Prof.ª Paula Coutinho em aviões militares. O mistério viria a definir-se como a doença de Machado-Joseph.

Não surpreende, por isso, que da boca de Corino de Andrade, falecido em 2005, saltasse, não raras vezes, a sua citação predileta, «roubada» ao poeta espanhol Antonio Machado: «Caminheiro, não há caminhos; os caminhos fazem-se caminhando», dizia. E nas suas palavras ecoavam as coordenadas de uma caminhada de 99 anos, norteadas pelo fascínio da descoberta. 🌸

1940 Cria o Serviço de Neurologia do HGSA.

1951 É detido pela PIDE por alegadas «atividades subversivas e ligações ao Partido Comunista».

1952 Publica o artigo intitulado «Uma forma peculiar de neuropatia periférica – amiloidose generalizada, atípica, familiar, com especial envolvimento dos nervos periféricos», na revista *Brain*, da Universidade de Oxford.

1972 Assume a direção do Centro de Estudos de Paramiloidose do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, no Porto.

1975 Integra a Comissão Instaladora do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

1976 Reforma-se do HGSA e recebe o título de Professor Catedrático da Universidade do Porto. No mesmo ano, é chamado aos Açores para investigar aquela que, mais tarde, se reconhecera como a doença de Machado-Joseph.

1988 Recebe o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Aveiro.